

# Meia Estação

O recesso do Congresso faz o país deslizar para uma espécie de interregno político — entre o fim do “ministério Tancredo” e o anunciado “ministério Sarney”. Em mais de um sentido, entretanto, vivemos o interregno.

Uma atmosfera como a de agora é razoavelmente comum depois de longos períodos autoritários — e o interregno brasileiro está sendo calmissimo se comparado, por exemplo, com o que aconteceu em Portugal depois de Salazar (mas, lá, foram 40 anos).

Há uma indefinição explícita no fato de que estamos em período constituinte, ou pré-constituente — isto é, o período que deverá definir institucionalmente o país. Também aguardam definição os partidos políticos — todos, ou quase todos, relíquias de outras eras, em busca de uma nova personalidade.

O interregno brasileiro, entretanto, não deveria ser pretexto para descanso político ou psicológico — mesmo levando-se em conta as fortes emoções que o país viveu em 1985, cobrando agora um mínimo de “relax” natalino.

É preciso lembrar que, para todos os efeitos, o país já vinha de um interregno — que foi todo o terço final (ou talvez a segunda metade) do Governo Figueiredo. A Revolução não terminou inteira: foi deixando pedaços pelo caminho; e em sua etapa final, tornara-se perfeitamente amorfa. A conta desse relacionamento está sendo paga hoje, com juros altíssimos.

Vem desse custoso interregno o descabro administrativo e o amolecimento dos costumes — ou pelo menos o seu estágio mais agudo. Neste sentido é que a Nova República não poderia ter perdido tempo para estabelecer um novo padrão: o que existia tornara-se virtualmente imprestável.

Admitindo-se, entretanto, que o país e seus novos líderes precisaram de um certo prazo para perceber que realmente a página tinha sido virada, salta aos olhos a necessidade de enterrar o passado através de alguns gestos significativos, de uma postura nova. Coibir o uso de carros oficiais em Brasília pode não significar muita coisa; pode ser até inócua a curto ou médio prazo. Mas traduz, pelo menos, um desejo de mudar uma “ecologia social” totalmente viciada.

Certos processos de crescimento não podem ser acelerados artificialmente. Partidos, por exemplo, não se formam do dia para a noite; nem verdadeiros democratas. Mas se o país, em seu conjunto, está confuso, e se interroga sobre os seus homens públicos, sobre o espetáculo diário da vida política, mais do que nunca assume o seu valor uma preocupação ética que marque a distância entre os exemplos aproveitáveis e os que só servem para execração.

O hábito, hoje em dia, é raciocinar em termos genéricos, ou abstratos; é falar em classes, em estruturas, em organizações partidárias, em projetos de leis. Mas as instituições e as sociedades são feitas para o homem concreto, de carne e osso; e é por isso que um único gesto individual pode significar, às vezes, o começo de uma regeneração.

A postura individual de um Winston Churchill, na Inglaterra da II Grande Guerra, fez muito para colocar a nação em condições de superar-se a si mesma. É de alguns exemplos como este que estamos precisando — no plano público como no privado. Dizem que uma andorinha não faz verão. Mas é com um ou outro gesto significativo que começa, muitas vezes, a reversão das piores expectativas.